

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA *IMPROVISATION ASSESSMENT PROFILES* (IAPs) PARA USO NO BRASIL: PARTE 2

TRANSLATION, TRANSCULTURAL ADAPTATION AND VALIDITY EVIDENCES OF THE IMPROVISATIONAL ASSESSMENT PROFILES SCALE (IAPs) FOR USE IN BRAZIL: SECTION 2

*Gustavo Schulz Gattino*⁵, *Karina Daniela Ferrari*⁶, *Graciane Azevedo*⁷, *Felipe de Souza*⁸, *Flavia Christine Dal Pizzol*⁹, *Daniel da Conceição Santana*¹⁰

Resumo - este artigo tem o propósito de apresentar a segunda parte da pesquisa sobre a criação da versão para uso no Brasil da escala *Improvisation Assessment Profiles* (IAPs) a partir dos processos formais de tradução, bem como pela análise do instrumento no que se refere à sua adaptação transcultural. A escala foi avaliada ainda por um conjunto de especialistas que verificou evidências de validade no que se refere ao conteúdo da escala na sua clareza e relevância. Concluindo, a escala apresentou padrões elevados de clareza e relevância e está habilitada para aplicação dentro do território brasileiro.

Palavras-Chave: tradução, adaptação transcultural, evidências de validade, *Improvisation Assessment Profile*.

⁵ Professor Assistente dos cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em musicoterapia na Faculdade de Humanidades (Departamento de Comunicações e Psicologia) da Universidade de Aalborg, Dinamarca. Email: gattino@hum.aau.dk

⁶ Professora titular da Licenciatura em Musicoterapia da Universidade de Buenos Aires. Chefe do serviço de Musicoterapia no Sanatorio San José e no Hospital Dr. Teodoro Alvarez. Email: kferrari@centromtd.com.ar

⁷ Aluna do curso de Especialização em Musicoterapia da Faculdade de Candeias, Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0691567174081441>. Email: nanytazevedo@gmail.com

⁸ Musicoterapeuta, professor do Curso de Especialização em Musicoterapia da Faculdade de Candeias. Email: d3madeira@hotmail.com

⁹ Musicoterapeuta formada pela Faculdade de Artes do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9139522343665509>. Email: flaviapizzol@yahoo.com.br

¹⁰ Musicoterapeuta formado no curso de Musicoterapia do Complexo Educacional das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Membro das comissões Científica, Publicação e Mercado de Trabalho da Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo (APEMESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4243959806535128>. Email: daniel.musicoterapia@gmail.com

Abstract - this article is intended to present the second part of the research which created the Improvisation Assessment Profiles (IAPs) version in Brazil according to a formal translation process and the analysis of the instrument in relation to its cross-cultural adaptation. The scale was also evaluated by a panel of experts who found validity evidences as regards the content in the range of clarity and relevance. In conclusion, the scale showed high standards of clarity and relevance and is enabled for application within the Brazilian territory.

Keywords: translation, cross-cultural adaptation, validity evidences, Improvisation Assessment Profiles.

Introdução

O termo 'avaliação' em Musicoterapia possui diferentes significados e aplicações conforme o contexto onde está inserido. Segundo o Dicionário de Musicoterapia (KIRKLAND, 2013), existem dois grandes termos em inglês associados a prática avaliativa em musicoterapia: "assessment" e "evaluation". O termo *assessment* está relacionado a observações mais profundas sobre a história do paciente com o propósito de se investigar possíveis objetivos a serem trabalhados no processo musicoterapêutico e que serão incluídos no plano de tratamento do referido caso. Segundo Bruscia (2003), nesta categoria de avaliação o musicoterapeuta está interessado na análise de três aspectos: relação global da pessoa com a música, história clínica, história de vida do paciente e características musicais da pessoa (o que consegue e o que não consegue fazer musicalmente). Essa fase dura em média de três a quatro encontros com o paciente. Sem uma adequada avaliação, as intervenções do musicoterapeuta terão um caráter mais experimental do que programático. Por sua vez, o termo *evaluation* tem o intuito de observar a evolução do paciente durante o processo de tratamento (KIRKLAND, 2013). Em outras palavras, o interesse deste tipo de avaliação é verificar se os objetivos estabelecidos como plano de atendimento foram atingidos e se o paciente apresentou mudanças a partir do início da aplicação do tratamento musicoterapêutico.

Sobre os possíveis tipos de aplicações das práticas avaliativas em musicoterapia Wigram, Pedersen e Bonde (2002) oferecem cinco possibilidades conforme descrito na tabela 1.

Tabela 1. Aplicações das práticas avaliativas em musicoterapia

	Propostas	Função
A	Avaliação do diagnóstico	Obter de evidências para sustentar a hipótese diagnóstica
B	Avaliação geral do paciente	Identificar necessidades gerais do paciente a partir de uma perspectiva holística e recomendar intervenções relevantes
C	Avaliação da intervenção musicoterapêutica	Obter evidências que sustentam a musicoterapia como forma de intervenção
D	Avaliação anterior ao tratamento	Determinar nas primeiras duas-três sessões uma intervenção relevante para o paciente
E	Avaliação da eficiência do tratamento	Avaliar a eficiência da Musicoterapia depois do término do processo terapêutico

De acordo com a Wigram e Wosch (2007), a variedade dos instrumentos e modelos de avaliação em musicoterapia dependem dos seguintes fatores: proposta do instrumento, foco principal, população, variável dependente, método de análise e tipo de coletas de dados (quantidade de avaliações por exemplo). Por esta razão, a quantidade de instrumentos avaliativos ao redor do mundo é expressiva. Contudo, segundo a revisão de Jacobsen (2012), as a maior parte das avaliações em musicoterapia não foram sistematizadas e não passaram por processos de validação. Cabe destacar que Sabbatella (2004) apresentou anteriormente uma revisão da literatura a respeito da padronização dos instrumentos de avaliação em musicoterapia, onde analisou 41 referências publicadas em 11 revistas de musicoterapia entre 1985 e 2001. A autora encontrou a mesma falta de detalhes e o foco limitado sobre os procedimentos metodológicos na avaliação de musicoterapia, incluindo detalhes sobre coleta de dados, categorias de dados e medição, áreas de avaliação, interpretação e

relatórios. Gattino e colaboradores (2014) realizaram uma revisão sobre os instrumentos validados em musicoterapia e até aquele momento foram encontrados 4 avaliações: *Category System of Music Therapy* (KAMUTHE, de Cristine Plahl), *Improvisation Assessment Profiles-IAPs* (em processo de validação, de Kenneth Bruscia), *Individualized Music Therapy Assessment Profiles* (IMTAP, de Holly Baxter e colaboradores), *Escala de Relações Intramusicais* (ERI, de Karina Ferrari) Posteriormente, os IAPs foram traduzidos e validados (conforme será apresentado neste artigo). Da mesma maneira, as escalas *Individual Music-Centered Assessment Profile for Neurodevelopmental Disorders* (IMCAP-ND, de John Carpenente), *Music in Everyday Life* (MEL de Tali Gottfried & Grace Thompson) foram traduzidas nos últimos dois anos (CARPENENTE, 2016; GOTTFRIED, THOMPSON & GATTINO, 2016). Desta maneira, no Brasil existem oficialmente 7 instrumentos validados.

A partir do exposto, fica o seguinte questionamento: qual a necessidade de padronização/sistematização e validação de avaliações musicoterapêuticas? Em relação a padronização/ sistematização, quanto mais próximos forem os procedimentos e as interpretações avaliativas dos musicoterapeutas, mais fácil será o intercâmbio de informações entre diferentes profissionais tanto para finalidades científicas quanto para a prática clínica (Gattino, 2012). No que se refere à validade, a resposta é um pouco mais complexa.

O processo de validação se refere ao estudo das propriedades psicométricas de um instrumento e consiste num processo contínuo onde o instrumento acumula evidências de validade em relação às suas possíveis aplicações. Em outras palavras, a validação de um instrumento não se esgota em uma pesquisa somente. Os processos de validação se referem a tradução e adaptação de escalas, aplicação e comparação da escala com instrumentos de outras disciplinas. Ainda incluem a verificação da relevância e clareza dos dados da escala e comparação dos resultados da escala aplicada a diferentes

populações. Em síntese, se não estudamos as propriedades das avaliações usadas em musicoterapia, não há como afirmar que elas funcionam para o que se propões e ainda não podemos atribuir possíveis usos desses instrumentos para populações distintas para as quais a avaliação for criada (Gattino et al., 2010). Além disso, a falta de instrumentos validados em musicoterapia enfraquece a comprovação dos resultados obtidos na intervenção musicoterapêutica, pois se o instrumento utilizado para aferir as mudanças no paciente não foi testado de modo criterioso os resultados mensurados por tais avaliações são duvidosos (Gattino et al., 2010).

Concordando com o que foi apresentado até este momento, o objetivo deste artigo é apresentar a tradução, adaptação transcultural e evidências de validade da escala *Improvisation Assessment Profiles-IAPs* (Perfis de Valoração da Improvisação) de Kenneth Bruscia. Esse instrumento ainda não havia sido oficialmente traduzido no Brasil, visto que esta é a primeira tradução a ser realizada com autorização da editora Charles Thomas Publishers que detém os direitos autorais da escala, juntamente com a autorização do autor do instrumento, o musicoterapeuta Kenneth Bruscia. Além disso, esta é a primeira tradução que segue os critérios e procedimentos metodológicos usados para a tradução e adaptação transcultural de escalas. Ao final deste artigo está a versão completa da escala, originalmente publicada em 1987 no livro *Improvisational models of music therapy* de Kenneth Bruscia e uma versão resumida da escala que foi enviada por Bruscia especialmente para este artigo de tradução e validação o qual foi elaborada no ano de 2012. Segundo o autor, esta é uma versão funcional da escala.

Algumas considerações sobre os perfis dos IAPs

No primeiro artigo desta pesquisa, foram apresentadas as distintas características do instrumento de avaliação, a descrição dos seus seis perfis (saliência, tensão, autonomia, variabilidade, integração e congruência, bem

como as suas distintas formas de aplicação. Alguns destes perfis necessitam de uma maior reflexão do que outros, especialmente os perfis de saliência, tensão, variabilidade e congruência. Esses perfis possuem diferentes formas de uso e interpretações que merecem ser destacadas nesta publicação antes da apresentação dos processos de tradução, adaptação e validação da escala.

Algumas considerações sobre o perfil saliência

Posteriormente à publicação do manuscrito, Bruscia relatou em uma entrevista ministrada por Brynjulf Stige (2000) considerações importantes sobre a forma de interpretar esse perfil. Para ele, a saliência inclui não só ouvir para determinar quais elementos musicais são mais importantes, mas também determinar os perfis e as escalas que são mais relevantes. Esse perfil é útil para guiar a consciência musical enquanto se improvisa, concentrando-se na análise de uma única improvisação sobre os elementos mais significativos, e para identificar as semelhanças e diferenças entre as várias improvisações musicais. A saliência é crucial também segmentar a improvisação e determinar quais os elementos musicais criam a "forma" da improvisação.

O perfil saliência não fornece uma análise holística e abrangente; faz exatamente o contrário, limita o terapeuta aos aspectos da improvisação apresentados como os mais significativos. Nesse sentido, é possível afirmar que os IAPs realizam um grande esforço de compreensão a partir da obtenção de várias improvisações diferentes desde o ponto de vista do paciente em uma ampla variedade de condições, que pode ser considerada incompleta dentro do espectro de possibilidades do paciente, e logo comparar dados. Bruscia destaca ainda que a ênfase no perfil saliência reflete uma abordagem fenomenológica à avaliação da improvisação.

Para o autor, não se pode culpar ninguém por tomar um enfoque mais centrado nos IAPs utilizando apenas determinadas escalas e perfis em sua abordagem de trabalho. Na verdade, em certas situações, é o senso de comum

que o musicoterapeuta baseia-se na compreensão dos problemas clínicos do diagnóstico e tratamento de certas populações e o terapeuta define a avaliação apenas aos aspectos de uma improvisação que refletem ou revelam essas questões envolvidas. Portanto, esta modificação do IAPs é certamente razoável e muitas vezes justificada. Bruscia (2000) coloca ainda que o uso perfil saliência para orientar uma determinada análise é mais consistente com uma abordagem qualitativa, embora limitando a análise para as escalas e perfis específicos o enfoque mais consistente seria uma abordagem quantitativa.

Algumas considerações sobre o perfil tensão

A chave para interpretar o perfil de Tensão é o reconhecimento de suas várias influências recíprocas. A tensão musical pode existir no estímulo musical, no improvisador como produtor e no improvisador como ouvinte. Dessa forma, a tensão mutuamente essas distintas variáveis. Por exemplo, quando o improvisador toca com tensão, a música soa tensa; quando a música soa tensa, o improvisador reage com tensão; e quando o improvisador reage com a tensão, ele / ela começa a fazer música de modo mais tenso. Este circuito reacionário pode servir para aumentar, reduzir ou modular os níveis de tensão no processo de improvisação ou o próprio produto. Outra área de influência mútua está dentro da música. A tensão de um dos elementos ou o processo musical são afetados reciprocamente. Por exemplo, quando existe uma tensão no elemento de timbre, a tensão é também criada nos outros elementos. E quando há tensão no processo de integração rítmica (superdiferenciação), o resultado é a tensão rítmica.

Normalmente, a complexidade, a diferenciação e contraste criam altos níveis de tensão, enquanto que a simplicidade, a fusão e estabilidade criam níveis mais baixos. Os equilíbrios entre esses opostos (por exemplo, de integração e de variabilidade) geralmente criam níveis de tensão cíclicos. É muito interessante para interpretar quando essas tendências são revertidas, ou

quando os níveis de tensão entre os elementos musicais começam a interagir. Por exemplo, quando a fusão rítmica é acompanhada por uma tensão de um volume elevado, uma sensação de urgência é transmitida. A pergunta que orienta a interpretação é por que há tanta força, poder ou energia para manter a figuração rítmica, e a estabilidade rítmica unida. A direção e o fluxo de tensão também é uma consideração importante. Quando a tensão se acumula, há um movimento até a diante, previsibilidade e uma expectativa de descarga no futuro. O foco está centrado sobre o que vai acontecer. Quando a energia é armazenada por longos períodos sem libertação, sem descarga, as situações de clímax ou catarse são esperadas. Quando o clímax se torna demasiado frequente ou intenso, o fluxo de energia perde seu impacto. Por outro lado, quando a tensão é liberada, há um movimento em retrocesso e uma previsibilidade e expectativa de que a energia será dissipada. O foco é sobre o que aconteceu. Quando a tensão é continuamente libertada sem se acumular, ocorre um esgotamento de energia e comprometimento. As situações de clímax e catarse não acontecem, e o resultado pode ser o tédio.

Algumas considerações sobre o perfil variabilidade

O perfil de Variabilidade se preocupa com a tendência dos indivíduos para manter ou mudar situações ao longo do tempo. Assim, o perfil reflete as relações temporais entre ideias e sentimentos do passado, presente e futuro. A regularidade é preservada quando há necessidade de permanência, estabilidade, previsibilidade, "tradição" ou seletividade. Quando levado ao extremo, a regularidade leva a fixações, obsessões, compulsões, perseverança e ritualismo. A uniformidade é preservada, mantendo ou repetindo ideias ou sentimentos anteriores, e minimizando a introdução do novo e do diferente. A manutenção do que se tem e a não aceitação de cada mudança ou ideia nova que aparece permite que se construa uma base segura para o presente, e uma direção clara para o futuro. No entanto, quando a uniformidade é preservada de

forma rígida e convincente, não há segurança nesta e não há uma direção para o futuro. Ao manter o que já se tem, se realiza o processo de viver o presente no passado, ou de reviver o passado no presente. Este, portanto, é um processo regressivo. À medida que o futuro não é procurado, também se refere a um processo estático. Os processos regressivos e estáticos são muito importantes. Não habilitar o presente ou o futuro poder ser uma forma de indulgência do tempo. Fazer pausas, esperar ou estar suspensão pode ser uma exploração das possibilidades existentes antes de seguir adiante. Contudo, quando isso é levado ao extremo, ficar no passado regressivamente pode levar a anular a possibilidade do presente e o futuro, e nunca mais voltar a partir da regressão. Sem focalizar no futuro, no futuro, o presente é incompreensível, e o passado não tem qualquer significado ou propósito.

Em relação às mudanças, a mudança ocorre quando há necessidade de divergência, experimentação, liberdade, flexibilidade e adaptação. Quando levada ao extremo, a mudança leva à dispersão, impulsividade, desorganização, descontinuidade e fragmentação. A mudança é feita através da apresentação de novas ideias e sentimentos, minimizando a repetição ou manutenção dos mesmos. O processo é inovador e liberal. Deve-se explorar, inventar e criar algo novo para melhorar e crescer. Uma pessoa não pode ser limitada ao conhecido e confortável. No entanto, quando levadas ao extremo, as mudanças excessivas significam que não há nenhum mapa para orientar o curso de exploração, e não há nenhum sentido racional ao inventado ou criado. Desse modo, o presente torna-se aleatório e o futuro errático, sem orientação do passado. A mudança requer avançar no tempo, prevendo o futuro e formulando expectativas sobre o que será desenvolvido para mais além do presente e do passado, de modo progressivo e dinâmico. Sem olhar para o futuro, esperando que alguma coisa vai emergir, o presente se torna imprevisível e o passado se torna sem sentido. De modo distinto, quando levada ao extremo, o futurismo e a inovação tornam-se rígidos na sua

preservação da aleatoriedade e descontinuidade. Paradoxalmente tornam-se forças regressivas, conservadoras e estáticas.

Algumas considerações sobre o perfil congruência

O perfil Congruência aponta como o paciente se sente sobre seus próprios pensamentos e sentimentos e como as suas experiências internas são consistentes com suas expressões externas. Para interpretar este perfil, algumas perguntas podem ser úteis. É preciso refletir se as ideias do paciente são consistentes umas com as outras, com o outro e com os sentimentos associados a essas ideias. Ainda cabe questionar se estes sentimentos são ambíguos, ambivalentes ou dissociados. Outro ponto de reflexão é se alguns elementos musicais enviam uma mensagem e os outros elementos e processos enviam uma outra mensagem distinta. Do mesmo modo, deve-se questionar se as partes simultâneas são consistentes em relação aos sentimentos e expectativas. Ainda pode-se verificar se as relações de papéis entre as partes e elementos são consistentes uns com os outros e se os sons musicais são consistentes com a linguagem corporal e a verbalização do paciente.

Metodologia

As metodologias de tradução e adaptação transcultural diferem entre si em relação ao tipo de instrumento, no que refere-se à sua forma de preenchimento (se preenchido pelo avaliando ou por um avaliador externo), pela quantidade de etapas (que podem incluir análises mais simples ou mais complexas das evidências de conteúdo do instrumento, no que diz respeito à validade), assim como a forma de traduzir, por tradutores específicos da área ou por tradutores bilíngues que não possuem um conhecimento aprofundado no tipo de instrumento em questão (Guillemin, 1993; Sperber, 2004, Wild et al,

2005). Ainda, há divergências sobre o papel do comitê de especialistas na análise do instrumento traduzido. Desta maneira optou-se - para os IAPS - por uma mescla de modelos unindo o caráter prático proposto por Sperper e o foco na realização de diversas revisões e versão do instrumento de avaliação proposto por Guillemim e colaboradores (1993), Wild e colaboradores (2005) e Sperber (2004). Da mesma maneira, a verificação da adaptação transcultural ocorreu segundo as diretrizes para testes educacionais e psicológicos de 2014, propostas pela *American Educational Research Association (AERA)*, *American Psychological Association (APA) National Council on Measurement in Education (NCME)*, no que diz respeito às evidências de validade relacionadas ao conteúdo.

Etapas da tradução, adaptação transcultural e evidências de validade

A tradução ocorreu segundo as seguintes etapas: autorização da tradução; elaboração de duas traduções independentes; análise das traduções e criação de uma versão única (versão 1); retrotradução; revisão e harmonização da retrotradução e elaboração da versão 2; revisão pelo comitê de especialistas; verificação das evidências de conteúdo e elaboração da versão 3; reconciliação e elaboração da versão final. Cabe destacar que, no que se refere às evidências relacionadas ao conteúdo, o foco foi buscar o quanto o conteúdo da escala estava claro e relevante a partir da análise dos especialistas.

Resultados

Os resultados serão descritos conforme os dados obtidos nas diferentes fases do estudo:

Autorização da tradução: a permissão para a tradução dos IAPs em português do Brasil foi alcançada mediante a autorização do autor do

instrumento, Kenneth Bruscia e pela autorização da editora *Charles Thomas Publishers*, que detém os direitos autorais. A editora autorizou a tradução na íntegra apenas das duas páginas onde estão descritos os seis perfis dos IAPs. O autor da escala autorizou também a publicação da versão resumida elaborada em 2012, para a publicação na Revista Brasileira de Musicoterapia.

Elaboração de duas traduções independentes: dois tradutores com domínio na língua inglesa realizaram uma tradução da escala de modo independente e enviaram para o pesquisador coordenador do estudo. Um dos tradutores em questão foi um musicoterapeuta.

Análise das traduções e criação de uma versão única: um musicoterapeuta com experiência na validação de instrumentos avaliativos comparou os dois instrumentos e criou uma versão única (a versão 1).

Retrotradução: a versão 1 foi retraduzida para o inglês por um tradutor fluente em português e língua inglesa. O tradutor desta versão não esteve envolvido nos processos anteriores de tradução.

Revisão e harmonização da retrotradução e elaboração da versão 2: a partir da revisão da retrotradução por um musicoterapeuta especialista em validação de instrumentos avaliativos, a versão 1 e a retrotradução foram comparadas e em seguida foi elaborada a versão 2 do instrumento.

Revisão pelo comitê de especialistas, verificação das evidências de validade e elaboração da versão 3: um comitê formado por quatro musicoterapeutas avaliou a descrição de cada perfil e de seus respectivos 5 gradientes, onde foram atribuídas classificações sobre o nível de clareza e relevância de cada perfil como um todo (evidências de validade relacionadas ao conteúdo). Para maior clareza, os musicoterapeutas deveriam marcar em cada perfil uma pontuação de 0 a 5 conforme as seguintes categorias: 0 (não entendi nada); 1 (entendi só um pouco); 2 (entendi mais ou menos); 3 (entendi quase tudo, mas tive algumas dúvidas); 4 (entendi quase tudo); 5 (entendi perfeitamente e não tenho dúvidas). No que diz respeito a relevância de cada

perfil, os musicoterapeutas deveriam atribuir os seguintes escores: 1 (não relevante); 2 (pouco relevante); 3 (relevante) e 4 (muito relevante).

Dentre as evidências de validade relacionadas ao conteúdo, os musicoterapeutas mostraram que os IAPs apresentam um percentual expressivo de clareza, já que em todas as análises dos quatro especialistas, as pontuações ficaram entre 4 e 5 pontos para todos os perfis. Dessa maneira, os perfis foram entendidos em quase tudo ou entendidos perfeitamente. Acredita-se que a taxa de respostas de entendimento perfeito não chegou aos cem por cento devido à complexidade do instrumento. No que diz respeito à relevância, todos os musicoterapeutas marcaram classificações entre 3 e 4 (relevante e muito relevante, respectivamente) para todos perfis, com exceção do perfil Saliência (dois musicoterapeutas marcaram como pouco relevante). A partir dessa evidência de validade, a descrição da tradução foi novamente revisada.

Reconciliação e elaboração da versão final: a partir da análise dos especialistas verificou-se que o instrumento foi considerado claro e relevante, sendo que apenas o perfil Saliência foi considerado pouco relevante para um dos musicoterapeutas. Atribuiu-se esta pouca relevância à dificuldade de interpretação deste perfil, na versão original do instrumento. Não é por acaso que, em 2000, Bruscia realizou várias considerações novas sobre este perfil - o colocando numa posição diferente - inclusive sendo o primeiro a ser avaliado na versão resumida criada pelo autor em 2012. Após a análise dos especialistas, fez-se uma pequena correção no perfil Integração, visto que a descrição dos gradientes deveria estar colocada no plural, já que este perfil sempre está relacionando mais do que uma parte de um elemento musical ou até mesmo dois elementos musicais distintos.

Sobre a versão resumida dos IAPs, esta passou por um processo de tradução diferente da versão original, por se tratar de um instrumento secundário. O método de tradução seguiu as recomendações de Sperber (2014), do original em inglês para o português (falado no Brasil), por dois

tradutores independentes, e as duas versões foram comparadas pelos pesquisadores até a obtenção da versão final. Esta sofreu retrotradução para o inglês por um tradutor não participante das etapas anteriores e que não esteve em contato com o texto original.

Considerações Finais

Os Perfis de Valoração da Improvisação (IAPs) de Kenneth Bruscia continuam atuais mesmo depois de quase 30 anos da sua versão oficial. A partir da sua complexidade e das suas amplas possibilidades de aplicação apresentadas nesse artigo, os IAPs podem ser considerados como um instrumento funcional e relevante tanto na parte da pesquisa quanto para a prática clínica. Sugere-se para a melhor aplicação deste instrumento a leitura da seção dedicada aos IAPs no livro original elaborado por Bruscia, assim como o fórum especial de discussão dos IAPs organizado pelo Nordic Journal of Music Therapy, no ano de 2000, que sugere ainda trabalhos adicionais e formas atualizadas de pensar a aplicação do instrumento. A versão resumida sugerida por Bruscia em 2012 não substitui a original, porém traz um caráter mais prático para a aplicação do instrumento.

Espera-se que a tradução do referido instrumento seja o primeiro passo para estudos de evidências de validade dentro do contexto brasileiro, com diferentes populações e formas de aplicar essa escala. Além disso, acredita-se que em trabalhos futuros poderão sugerir diferentes formas de interpretar a sua aplicação, partindo de teorias distintas daquelas sugeridas por Bruscia. Por fim, há uma expectativa que a tradução dos IAPs possa encorajar mais musicoterapeutas a utilizar um instrumento padronizado, sistematizado e com evidências de validade no Brasil, para uma maior consolidação da Musicoterapia como disciplina e como profissão.

Agradecimentos

Profundos agradecimentos a toda a equipe envolvida neste grande estudo em todas as etapas da pesquisa. Também, faz-se um agradecimento especial aos especialistas que colaboraram para este estudo, a editora Charles Thomas Publishers e especialmente a Kenneth Bruscia por sua generosidade e por tornar este sonho possível.

Referências

AERA, APA & NCME. **Standards for Educational and Psychological Testing**. Estados Unidos: American Educational Research Association, 2014.

BRUSCIA, K. **Improvisational Models of Music Therapy**. Springfield: Charles Thomas Publishers, 1987.

BRUSCIA, K. **Reconocer, Descubrir, Compartir... en Musicoterapia: Conferencias Porteñas**, 2001. Buenos Aires: Asam, 2003.

CARPENTE, J. **Individual Music-Centered Assessment Profile for Neurodevelopmental Disorders (IMCAP-ND) - versão brasileira**. Tradução por Gustavo Schulz Gattino. North Baldwin: Regina Publishers, 2016.

GATTINO, G.; WALTER, F; FACCINI, L. Fundamentos sobre validade para o campo musicoterapêutico. **Anais... X Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia**. Salvador, Bahia, 2010.

GATTINO, G. **Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com transtornos do espectro autista : revisão sistemática e estudo de validação**. Tese de doutorado. PPG em Saúde da Criança e do Adolescente, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

GATTINO, G.; ARAUJO, G; ORTEGA, I.; MAUAT, A. **Instrumentos de avaliação em musicoterapia validados no Brasil**. XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Brasília, Distrito Federal, nov 7-9, 2014.

GOTFRIED, T.; THOMPSON, G; GATTINO, G. **Music in everyday life by parentes with their children with autism**. 10th European Conference of Music Therapy. Viena, Austria, jul 5-9, 2016.

GUILLEMIN, F.; BOMBARDIER, C; BEATON, D. Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: literature review and proposed guidelines. **Journal of Clinical Epidemiology**, vol 46, p. 1417-1432, 1993.

KIRLAND, K (ed). **International Dictionary of Music Therapy**. London: FISH Books, 2013.

JACOBSEN, S. Music therapy assessment and development of parental competences in families where children have experienced emotional neglect. **Tese de doutorado**. Doutorado em Musicoterapia. Universidade de Aalborg. Aalborg, 2012.

SABBATELLA, P. E. Assessment And Clinical Evaluation In Music Therapy: an Overview From Literature And Clinical Practice. **Music Therapy Today** ,vol.5, n.1, 2004.

SPERBER, A.D. Translation and validation of study instruments for cross-cultural research. **Gastroenterology**, vol.126, p.124-128, 2004.

STIGE, B. (org). IAP revisited. **Archival material by Nordic Journal of Music Therapy 1998-2008**, 2000.

WIGRAM, T.; PEDERSEN, I.; BONDE, L. **A Comprehensive Guide to Music Therapy: Theory, Clinical Practice, Research and Training**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2002.

WILD, D. [et al.] - Principles of good practice for the translation and cultural adaptation process for patient-reported outcomes (PRO) measures: report of the ISPOR task force for translation and cultural adaptation. **Value Health**, Vol. 8, nº 2, p. 94-104, 2005.

WOSCH, T. & WIGRAM, T (Eds.). **Microanalysis: Methods, Techniques and Applications for Clinicians, Researchers, Educators and Students**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

MUSICOTERAPIA

ANEXO I

Versão Brasileira da escala *Improvisation Assessment Profiles (IAPs)* de Kenneth Bruscia (1987)

SALIÊNCIA

Este perfil lida com a forma como, a certos elementos musicais, é dada mais saliência que outros. As escalas do perfil descrevem o quanto de proeminência e controle é dado a cada elemento, ou componente musical.

Submisso	Concordante	Contributivo	Controlador	Opressivo
----------	-------------	--------------	-------------	-----------

INTEGRAÇÃO

Este perfil lida com a forma como aspectos simultâneos da música são organizados. As escalas dentro do perfil descrevem até que extensão os componentes, dentro de cada elemento musical, são semelhantes, separados e independentes um do outro.

Indiferenciados	Fusionados	Integrados	Diferenciados	Super diferenciados
-----------------	------------	------------	---------------	---------------------

VARIABILIDADE

Este perfil lida com a forma como aspectos sequenciais da música são organizados e relacionados. As escalas neste perfil descrevem até que ponto cada elemento musical ou componente permanece o mesmo, ou muda.

Rígido	Estável	Variável	Contrastante	Aleatório
--------	---------	----------	--------------	-----------

TENSÃO

Este perfil lida com o quanto de tensão é criada, dentro e através de vários aspectos da música. As escalas do perfil descrevem o quanto cada elemento e componente musical acumula, sustenta, modula ou libera tensão.

Hipotenso	Calmos	Cíclico	Tenso	Hipertenso
-----------	--------	---------	-------	------------

AUTONOMIA

Este perfil lida com os tipos de papéis nas relações formadas entre os improvisadores. As escalas do perfil descrevem a extensão pela qual cada elemento e componente musical são utilizados, para conduzir ou acompanhar o outro.

Dependente	Seguidor	Companheiro	Líder	Independente
------------	----------	-------------	-------	--------------

CONGRUÊNCIA

Esta escala lida com até que ponto estados de sentimento simultâneos e relações de papéis são congruentes. As escalas do perfil descrevem o quão consistentes os elementos e componentes musicais são em relação a níveis de tensão e relações de papéis.

Não Comprometido	Congruente	Centrado	Incongruente	Polarizado
------------------	------------	----------	--------------	------------

MUSICOTERAPIA